
A contribuição das pesquisas em competências infocomunicacionais ao conceito de Media and Information Literacy

Jussara Borges

Resumo: Uma sociedade baseada no conhecimento é demandante de competências infocomunicacionais, como a criticidade perante conteúdos e fontes e a capacidade de relacionar-se com indivíduos que podem estar física e culturalmente distantes. Com a perspectiva de contribuir com a delimitação do conceito de Media and Information Literacy (MIL) na contemporaneidade foram alargadas as lentes de observação para incluir essas competências, especialmente no aspecto da comunicação, além de duas abordagens que podem trazer uma contribuição efetiva: a *new media literacy* e a *metaliteracy*. Assim, os objetivos deste artigo podem ser sumarizados em três: 1) evidenciar a inserção da competência em comunicação no escopo de Media and Information Literacy (MIL); 2) apresentar os elementos constituintes das competências infocomunicacionais; 3) demonstrar a pertinência da *metaliteracy* para avançar na compreensão das competências requisitadas para participar socialmente. Sob o ponto de vista metodológico, trata-se de uma discussão teórica que busca avançar na delimitação e elementos constituintes do conceito de MIL. Conclui-se que ao mesmo tempo que as competências inerentes a MIL se mantêm fundamentais, novas competências ligadas a um contexto mais participativo na produção e compartilhamento de informação têm emergido.

Palavras-chave: Competências Infocomunicacionais. Media and Information Literacy. Competência em Informação. Competência em Comunicação. Metaliteracy.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a avançar na delimitação e elementos constituintes do conceito de Media and Information Literacy (MIL), principalmente no aspecto das competências em comunicação. A principal linha argumental é de que além das competências para “relacionar-se com o conteúdo” (competências em informação), o ambiente informacional atual demanda competências para “relacionar-se com pessoas” (competências em comunicação), inclusive porque muitas vezes a velocidade do fluxo informacional não permite que a informação útil em cada situação chegue a ser registrada,

ela está na mente de alguém. Neste contexto, as competências em informação (saber buscar, avaliar e usar a informação) não são suficientes. Se a informação útil está com uma pessoa, é necessário estabelecer uma relação comunicativa com ela, o que pressupõe reconhecer seu contexto, escolher um canal de interação e adequar a linguagem de forma que com esse interlocutor se possa construir sentido e com quem se possa estabelecer diálogo. São demandadas, portanto, competências em comunicação.

Comumente, as competências em informação e em comunicação apresentam-se imbricadas. Se alguém necessita consertar o sistema eletrônico de seu carro é provável que recorra a indicações de amigos, porque a confiabilidade da oficina é fundamental. Neste exemplo, observe-se que estão sendo postas em ação competências para seleção de fontes e avaliação da informação, mas também é necessário conseguir atenção alheia, escolher o recurso de comunicação mais adequado à interação e ainda expressar-se com clareza e objetividade, considerando os hábitos de recepção do interlocutor. Observando a recorrência da convergência entre competências em informação e em comunicação, em 2011 propôs-se a expressão “competências infocomunicacionais” (BORGES; OLIVEIRA, 2011). O conceito ainda considera as competências para operar ferramentas e recursos digitais - por onde hoje circulam a maior parte da informação e da comunicação - nomeadas competências operacionais, mas neste artigo o foco manter-se-á nas competências em informação e em comunicação.

Com a perspectiva de aprofundar a compreensão das competências infocomunicacionais, nos últimos cinco anos foram alargadas as lentes de observação, tanto no sentido de pesquisas empíricas (BRANDÃO; BORGES, 2014), como no sentido da relação com outras áreas do conhecimento (RUVALCABA-BURGOA; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO; BORGES, 2016). Para este trabalho serão destacadas duas abordagens que vêm contribuindo especialmente no desenvolvimento do conceito: a *new media literacy* e a *metaliteracy*.

Em suma, os objetivos deste artigo podem ser sumarizados em três: 1) evidenciar a inserção da competência em comunicação no escopo da MIL; 2) apresentar os elementos constituintes das competências infocomunicacionais; 3) demonstrar a pertinência da *metaliteracy* para avançar na compreensão das competências requisitadas para participar

de uma sociedade alicerçada no conhecimento. Cada um desses objetivos será tratado, respectivamente, nas três seções seguintes.

2 *MEDIA LITERACY, NEW MEDIA LITERACY* E *COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO*

Usualmente, o foco da MIL aparece relacionado às competências críticas das pessoas frente à informação e aos meios de comunicação com vistas à aprendizagem ao longo da vida e o exercício da cidadania:

La alfabetización mediática e informacional es definida como las competencias esenciales – habilidades y actitudes – que permiten a los ciudadanos interactuar con los medios de comunicación y otros proveedores de información de manera eficaz y desarrollar el pensamiento crítico y las aptitudes para el aprendizaje a lo largo de la vida para la socialización y a puesta en práctica de la ciudadanía activa (WILSON, 2012, p. 16)

Este foco na avaliação crítica da informação é indispensável e precisa ser continuamente discutido e reforçado, inclusive porque além dos tradicionais meios de comunicação (televisão, rádio, jornais, revistas etc.) e provedores de informação (mencionados na citação), colocam-se novas fontes (grandes corporações, profissionais liberais, produtores anônimos etc.), cada uma com sua perspectiva, viés e interesse. Vamos voltar à avaliação da informação na seção seguinte, como um componente da competência em informação.

Outro foco recorrente no conceito de *media literacy* é a capacidade de processar e produzir conteúdo: “Media literacy emphasizes the ability to understand, evaluate and use media as a leading purveyor and processor, if not producer, of information.” (MOELLER *et al.*, 2011, p. 11). Igualmente, tratam-se de competências importantes, não podemos abrir mão delas, mas percebe-se que ainda estamos no escopo da gestão e produção de conteúdo e, portanto, no âmbito da competência em informação.

Aqui, importa, no entanto, avançar na compreensão de *media literacy* para abarcar a competência em comunicação. Uma pessoa que mantém um blog, por exemplo, pode demonstrar boas competências operacionais (uso de softwares, recursos e aplicativos) e

competências em informação (seleção de conteúdos, estabelecimento de links para outras fontes etc.), mas se não estabelece meios de interação (espaço para comentários, respostas a eles e troca de informações etc.) para outras pessoas, nada se pode dizer de suas competências em comunicação. Neste exemplo pode haver transmissão de informação, mas não há comunicação. Comunicação pressupõe troca, intercâmbio, diálogo. A definição de comunicação neste trabalho segue o viés social ressaltado por Davallon (2007), ou seja, não se refere à transmissão de informação entre um polo emissor e um polo receptor, mas à interação entre os sujeitos sociais, onde a relação é mais importante que a informação que circula entre eles.

Embora na introdução tenha-se exemplificado a aplicação da competência em comunicação quando uma pessoa é a fonte de informação, sua relevância não se esgota aí. Em todas as situações que implicam interação com o outro há demanda de competências em comunicação; e a cultura participativa (JENKINS, 2009) tem impulsionado a emergência de contextos onde a interação é fundamental: edição colaborativa, debates e trabalho em equipe são alguns exemplos.

A relevância da competência em comunicação ficou mais evidente a partir dos recursos relacionados à web social. “Los nuevos medios expanden el concepto de pantalla hasta incluir entornos interactivos, simulados, virtuales y presentes allí donde miremos.”(TYNER, 2008, p. 80). Ao mesmo tempo que a web social propiciou que qualquer pessoa potencialmente se tornasse uma produtora de conteúdo, também desnudou as dificuldades para o diálogo intercultural, expôs a dificuldade de conseguir atenção quando todos “estão falando” e fez emergir a “netiqueta”: normas de comportamento para interação em ambiente digital.

Competencia comunicativa, en definitiva, que en otro tempo se centraba en el uso adecuado de los instrumentos comunicativos de la lecto-escritura y ahora adopta otros formatos y estructuras en función de los nuevos instrumentos que le dan cobertura, volviéndola más compleja y requiriendo, por tanto, de una alfabetización acorde con esa complejidad. [...] pero es necesario no sólo dominar la tecnología, sino sus procesos y sus productos. (PÉREZ PÉREZ, 2005, p. 174)

Atualmente, parte crescente das relações sociais são construídas e aprimoradas a partir de redes e comunidades virtuais. O ciberespaço oferece oportunidades de encontrar

parceiros para causas sociais e aprendizagem colaborativa, por exemplo, ultrapassando barreiras físicas ou geográficas. Cada vez mais é comum encontrar-se neste espaço, aprendizagem e colaboração, mas também conflitos e dificuldades de comunicação. Ou seja, a tecnologia *per si* não realiza a comunicação.

Uma evidência disso é que embora os dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br, 2015) apontem as atividades de comunicação como as mais realizadas pelos usuários de internet no Brasil, quando comparadas as competências em informação com as competências em comunicação, as últimas seguem em desvantagem (BORGES; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, 2015). Assim, parece haver um descompasso entre a assimilação de recursos para comunicação (Facebook, Skype, WhatsApp etc.) e a efetividade da interação que potencialmente propiciariam.

Embora alguns documentos mencionem a comunicação no escopo da *Media Literacy*¹, observa-se que pouco se aprofundam neste aspecto interacional, da comunicação pelo seu viés social e interpessoal. Os estudos de *new media literacy*, por sua vez, já vão considerar tais aspectos, bem como a aprendizagem produzida por essa interação, ou aprendizagem social (ALPER, 2013). Esses estudos vêm evoluindo de uma abordagem que enfatizava o senso crítico do consumidor frente aos produtos midiáticos (*media literacy*) para o reconhecimento de que este consumidor também vem se convertendo em um produtor (prosumidor). Portanto, além da criticidade necessária sobre sua própria produção, emergem aspectos de distribuição (quem é o público da produção?), de participação (com quem engajar-se?), de criação (com quem produzir?). Todos esses aspectos reclamam a capacidade de relacionar-se com o outro e produzir junto aproveitando as possibilidades das redes sociais online, ou seja, demandam competências infocomunicacionais.

De acordo com Jenkins (2009, p. 32), *new media literacy* refere-se a habilidades sociais, formas de interagir com uma comunidade e não apenas habilidades individualizadas para expressão pessoal: “We must push further by talking about how

¹ “Media literacy is generally defined as the ability to access the media, to understand and to critically evaluate different aspects of the media and media contents and to create communications in a variety of contexts.” (COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES, 2009, p. 3)

meaning emerges collectively and collaboratively in the new media environment and how creativity operates differently in an open-source culture based on sampling, appropriation, transformation, and repurposing.”

Assim, baseados nos estudos de *new media literacy*, e a partir de estudos teóricos (BORGES; BRANDÃO, 2014) e empíricos (BORGES; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, 2015) anteriores, propõe-se quatro elementos constituintes para as competências em comunicação:

- Estabelecimento e manutenção da comunicação

Começar uma comunicação exige minimamente determinar ou reconhecer quem é o interlocutor (adulto/criança, colega/amigo, conhecido/desconhecido etc) e a partir disso fazer uma série de escolhas: a forma de comunicação mais adequada (mensagem instantânea, telefonema, visita etc.), a linguagem pertinente (formal/informal, gestual/escrita/falada etc.), o contexto de introdução mais apropriado (comentar sobre o clima, apresentar antecedentes da questão etc.), apresentar a mensagem propriamente de modo claro e articulado, e propiciar que o interlocutor possa responder. Tudo isso será inútil se não se obter a atenção e confiança do outro a ponto de ele responder. Como diz Barreto (2009, p. 1, grifos nossos):

Para realizar-se [a comunicação] de forma eficaz, a mensagem necessita de um **contexto de referência**, que precisa ser acessível ao receptor. [...] É necessário ainda um **código comum** ao emissor e ao receptor e finalmente, um contato, isto é, um **canal** físico ou uma conexão virtual e uma **atitude psicológica** entre o emissor e o receptor que os capacitem a entrar e a permanecer em contato.

Assim, uma vez estabelecida a comunicação, ainda é necessário mantê-la: ouvir, entender o lugar de fala do interlocutor, compreendê-lo em seu contexto (ideológico, cultural, religioso etc.) e a partir disso retroalimentar o diálogo numa dança de idas e vindas que exige ajuste contínuo de todas as variáveis acima citadas: forma, linguagem etc.

- Distribuição e disseminação eficaz de conteúdos

É claro que se pode criar poemas para deleite próprio e sem a intenção de compartilhar ou distribuir, mas esta é uma perspectiva cada vez mais incomum sob a cultura participativa, na qual, em geral, o desejo é de conectar produções, criar

colaboração, remixar conteúdos sob novas abordagens. Assim, se a perspectiva for a da distribuição, uma vez mais entram em cena as competências para identificar o meio, canal ou ferramenta, direcionar o conteúdo de acordo com as necessidades ou interesses do público ou ainda, mesmo sem ser o autor, simplesmente atuar como um intermediário ou mediador entre conteúdos e potenciais usuários.

Por outro lado, a disseminação eficaz também significa saber o que não compartilhar. Em situações que envolvem privacidade e segurança, por exemplo, manter o controle sobre a informação explicita essa competência. Os nativos digitais costumam demonstrar familiaridade com as ferramentas (competências operacionais) para postar, comentar ou compartilhar informações, mas muitas vezes colocam em risco sua segurança e de outros, pois ainda têm dificuldades em discernir as ameaças que esses atos podem representar. Esse exemplo também ajuda a demonstrar a diferença entre competências operacionais e em comunicação.

- Participação em ambientes de discussão e colaboração

Há uma diversidade de espaços e ferramentas para participar, discutir, colaborar e aprender. As competências neste aspecto incluem identificar os espaços mais adequados, escutar e respeitar a posição ou proposição alheia, comentar com discernimento informações geradas por outros, argumentar e defender suas próprias opiniões e aproveitar este ambiente participativo e dialógico seja para aprender, tomar decisões ou trabalhar em colaboração. O ponto aqui é valer-se do envolvimento em uma comunidade para gerar benefícios para si e para outros.

- Desenvolvimento de redes sociais

Refere-se à competência para desenvolver relações sociais saudáveis, baseadas no respeito à diversidade e contrabalançada pela afirmação da identidade. Considerando que muitas dessas relações atualmente são construídas via redes digitais, colocam-se habilidades específicas, como construir uma identidade digital pautada na reputação e visibilidade, identificar os parâmetros de comunicação de cada grupo, reconhecer as normas de comportamento (netiqueta) para interação nesses ambientes.

Esta rápida caracterização das competências inerentes à comunicação nos ajuda a demonstrar que, se por um lado não há nada de grande novidade – colocamos estas competências em ação várias vezes ao dia, por outro há poucos estudos que sistematizam, avaliam ou mesmo identificam as competências em comunicação. Recorrendo ao aspecto da distribuição, por exemplo, é comum observar-se falhas na comunicação quando uma informação destoante do interesse de um grupo é compartilhada (contribuindo ainda mais para o *overload* informacional hodierno), mas poucas pesquisas dedicam-se a entender que efeitos isso gera na sociabilidade em ambientes digitais ou como as pessoas acabam (ou não) desenvolvendo a competência para avaliar sua comunicação. Muita gente é excluída de processos sociais ou tem dificuldade para participar de grupos de aprendizagem e trabalho porque tem deficiências em aspectos comunicativos como os que se pontuou acima. Portanto, se cidadania e aprendizagem ao longo da vida estão entre as finalidades da MIL, parece que há que se considerar as competências em informação, mas também as competências em comunicação. Preferimos nos referir a essa convergência como competências infocomunicacionais.

3 COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS

Na seção anterior nos detivemos nas competências em comunicação. Aqui retomamos as competências em informação para compor o dueto infocomunicacional. Embora reconheçamos diferenças entre informação e comunicação, também é verdade que as duas áreas têm fronteiras tênues e permeáveis. Em situações corriqueiras como pedir informação a alguém na rua, obrigatoriamente empregamos competências infocomunicacionais. Também é importante frisar que não vemos as competências como dicotômicas: todos possuem algum nível de competências infocomunicacionais, mas ninguém é plenamente competente. Além disso, essas competências são dinâmicas: modificam-se de acordo com o contexto e estão em contínuo desenvolvimento.

As competências em informação vêm sendo estudadas sob diversas perspectivas e matizes desde meados do século passado, de sorte que já se tem uma concepção conhecida e aceita. Em geral, relaciona-se as competências em informação com a capacidade de

articular uma necessidade de informação, saber como localizá-la, avaliá-la e organizá-la, usá-la eticamente e comunicá-la adequadamente (MOELLER *et al.*, 2011). Mais recentemente, no entanto, o conceito vem sendo pressionado para dar conta de questões mais complexas, como a leitura e escrita em ambientes digitais, a multiculturalidade característica desses ambientes e a necessidade de aprender e gerar conhecimento colaborativamente.

De acordo com a International Federation of Libraries Association (IFLA, [2013]) dentre as principais tendências de evolução do ambiente informacional está a hiperconexão, onde o acesso à informação representa o acesso a outros recursos, como saúde, educação, emprego e participação nas decisões sociais e políticas. Ainda segundo a IFLA, deficiências em competências em informação continuam sendo barreiras neste acesso, o que pode aumentar as desigualdades sociais.

Neste artigo, ao invés de retomar os elementos constituintes da competência em informação, que já foram discutidos em outros trabalhos (BORGES, 2013), vamos nos concentrar em três desses elementos que parecem merecer mais atenção: a gestão de conteúdos, a avaliação da informação e a edição colaborativa.

- Gestão de conteúdos

Aqui compreende-se por gestão de conteúdos o conjunto de ações que vão desde a busca, seleção e síntese da informação até seu registro, organização e recuperação. “En un entorno donde la información es más fácil de localizar y obtener, los futuros métodos educativos se centrarán más en la manera de autenticar y explotar esa información.” (IFLA, 2013, p. 15). Assim, uma vez que o indivíduo percebe que pode resolver uma questão com acesso à informação, precisa pôr em ação uma série de destrezas, habilidades e atitudes que o levem do acesso à aplicação da informação.

Essa informação cada vez mais apresenta-se em formatos distintos. As novas linguagens recorrem à sonoridade, à visualidade, aos dados estatísticos e à hibridação entre esses e com o textual. Por exemplo, há uma crescente pressão para que governos disponibilizem seus dados em formato aberto, de modo a permitir que qualquer cidadão cruze as informações que quiser para fiscalizar o uso dos recursos públicos. Na prática, no entanto, como sinalizam Calzada Prado e Marzal (2013), as práticas de dados abertos

têm beneficiado mais aos políticos (como uma moeda de campanha eleitoral) que ao público em geral, que encontra dificuldades para interpretar os dados e, conseqüentemente, depende de aplicativos – gerados por empresas privadas – para poder compreender e usar tais informações. Trata-se, portanto, de uma nova geração de dados estatísticos voltados para o cidadão que, por sua vez, não foi alfabetizado em dados (data literacy) para deles construir sentido e agregar valor.

Os dados estatísticos são um exemplo de linguagem que demanda o alargamento do conceito de competência em informação, considerando que como os textos, ícones e sons são também informação, ainda que em gêneros distintos. Mesmo essa distinção tende a afrouxar-se com a crescente remixagem de conteúdos e formas. Uma prática informacional cada vez mais comum é combinar gêneros, reaproveitar conteúdo, remixar imagens, músicas e layouts e criar algo novo.

E assim, convivemos hoje com novas possibilidades de combinações entre as linguagens. Como toda linguagem está ligada à percepção, os meios híbridos, ao promoverem o encontro dessas linguagens, estimulam uma mudança em nossa percepção – e diferentes estruturas perceptivas desencadeiam diferentes mecanismos de compreensão e adquirem diferentes significados. (CERIGATTO; CASARIN, 2015, p. 50)

A questão da construção de sentido leva-nos à discussão do segundo ponto que é a avaliação de conteúdos.

- Avaliação da informação

Posto que a informação é sempre fruto de um contexto e uma perspectiva, mais que tentar determinar “a informação correta”, importa compreender o seu significado e interesse em cada circunstância. Apropriar-se de uma informação não é acessá-la como simples recepção mecânica e automática, mas implica ação afirmativa dos sujeitos nas dinâmicas de negociação de significados, colocando-os como sujeitos do processo. A apropriação, segundo Perrotti e Pieruccini (2007, p. 2), não pode ser considerada como “um ato imediato, mecânico ou ‘natural’. É, antes, um ato produtivo, envolvendo a mobilização de diferentes capacidades em movimentos de construção de sentidos.”

Durante séculos nos quais prevaleceu a cultura impressa, dispositivos sociais como bibliotecas e editoras fizeram (e fazem) o trabalho do “controle de qualidade” da

informação. É claro que pode haver informação falsa e distorcida em um livro, mas seu conteúdo tende a receber mais credibilidade que se a informação estivesse disponível somente no site do autor. Confiamos que “alguém” conferiu a informação para autorizar a publicação, “alguém” checkou a validade para fazer parte da coleção da biblioteca. E em geral isso é verdade. Mas com a consolidação da web social, esse “controle de qualidade” fica para o usuário/consumidor de informação que herda a responsabilidade de fazer toda a conferência, checagem e avaliação da informação a ser utilizada.

Perante o conteúdo que circula pelas mídias de massa e sociais, Yin e Zhou (2015) sugerem cinco perguntas para auxiliar na avaliação da informação: a) quem produziu essa informação?; b) que técnica foi utilizada para chamar a minha atenção?; c) que possíveis diferenças podem haver entre a minha interpretação e a de outros?; d) há algum valor, estilo de vida ou ponto de vista expresso ou omitido nesta informação?; e) por que essa informação me foi enviada ou está sendo disseminada?

Assim como Yin e Zhou, outros estudos vêm se dedicando a desenvolver critérios de avaliação de conteúdo, que costuma ser um dos pontos centrais do conceito de competência em informação. No entanto, essa percepção precisa ser alargada para abranger a capacidade crítica perante a própria produção, como advertem os estudos relacionados a *new media literacy* (OHLER, 2009). Significa dizer que a avaliação deve dirigir-se também à comunicação, à capacidade de avaliar o conteúdo durante sua produção e a validade do conteúdo para determinado público de interesse. Para Ferrés e Piscitelli (2012, p. 74), a competência midiática tem duas grandes dimensões: o de análise e o de expressão: “la persona ha de desarrollar su competencia mediática interaccionando de manera crítica con mensajes producidos por los demás, y siendo capaz de producir y de diseminar mensajes propios.”

Pesquisa realizada por Witek e Grettano (2014) com estudantes de nível médio apontou que estes já não avaliam a informação baseados somente no conteúdo ou na fonte, mas principalmente em quem a compartilhou e o valor atribuído pelas pessoas em quem confiam. Isso demanda refletir sobre a avaliação da informação não só sob a perspectiva do consumo, mas principalmente sob a perspectiva da produção, ou seja, refletir sobre

minha responsabilidade sobre a informação que produzo e compartilho, porque pode haver pessoas que as consideram como verídicas e válidas porque confiam em mim.

- Edição colaborativa

A avaliação torna-se ainda mais complexa quando adicionamos a edição colaborativa. Para Lemos (2009) há três princípios que norteiam as mudanças culturais contemporâneas: a liberação do polo da emissão, o princípio de conexão em rede e a consequente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas. A liberação do polo de emissão está na base das mudanças porque o antigo receptor passa a produzir e disseminar sua própria informação, livremente, em diversos formatos midiáticos e com alcance expandido. Mas além de produzir e emitir, as pessoas e grupos estão interessados em conectar suas peças de informação com as de outros, produzir sinergias, compartilhar. “A web, que antes era um ambiente para distribuir informações, tornou-se ferramenta de colaboração social, de ensino e de pesquisa.” (BARRETO, 2009, p. 11)

A edição colaborativa envolve compartilhar informação e colaborar em uma variedade de ambientes participativos: comentar, opinar, compartilhar, contribuir, incluir novas ideias, criticar de forma responsável. São ações características da cultura participativa em que o compartilhamento de conteúdos é informal e valorizado. De acordo com Jenkins (2009), a cultura participativa caracteriza-se por um ambiente com poucas barreiras à expressão e ao engajamento cívico, forte incentivo à criação e seu compartilhamento e uma crença disseminada de que a contribuição de cada um importa e de que todos estão, em algum nível, conectados socialmente uns com os outros.

Por outro lado, a edição colaborativa eleva novas questões, como a da autoria. Em um ambiente em que os conteúdos são criados a muitas mãos, a partir de múltiplas fontes de informação que são misturadas e remixadas para criar produtos novos, aspectos de autoria e propriedade intelectual talvez tenham de ser repensados.

As competências ainda podem ser analisadas sob o ponto de vista dimensional, como propõe Vitorino (2016). A partir de diversos modelos de competência em informação, a autora observa que a complexidade do fenômeno demanda análises que o considerem uma noção em movimento e constituída por elementos, entre eles, a

comunicação. Por exemplo, no modelo da Australian and New Zealand Institute for Information Literacy (Anzill), “as habilidades genéricas incluem a resolução de problemas, colaboração e trabalho em equipe, **comunicação** e pensamento crítico. Habilidades de informação incluem a busca, o uso e a fluência em TIC.” (VITORINO, 2016, p. 429, grifo nosso). Neste trabalho procuramos demonstrar a centralidade da dimensão informacional e comunicacional. Como um conceito dinâmico, no entanto, recentemente as competências infocomunicacionais passaram a se alimentar de outra linha de pensamento: a *metaliteracy*.

4 COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS E *METALITERACY*

Para Saracevic (2016), as tecnologias de informação realmente se diversificaram e se expandiram quando entraram no âmbito das mídias sociais: “These web sites and application focus on building online communities of people who share content, explore interests and activities, collaborate and participate in networking.” González (2012) também destaca a emergência de uma cultura na qual a leitura e a escrita são cada vez mais sociais, a aprendizagem tende a ser mais colaborativa e a publicação é criada e avaliada por grupos. Essas mudanças culturais e comportamentais têm impacto inclusive na conceituação de competência em informação, levando-a a incorporar aspectos como a criação colaborativa de conhecimento e a participação em comunidades de aprendizagem. Em 2016, a Association of College and Research Libraries (ACRL) revisou seu *Framework for Information Literacy for Higher Education* sob a perspectiva da *metaliteracy*:

[...] *metaliteracy* offers a renewed vision of information literacy as an overarching set of abilities in which students are consumers and creator of information who can participate successfully in collaborative spaces. *Metaliteracy* demands behavioral, affective, cognitive, and metacognitive engagement with the information ecosystem. This Framework depends on these core ideas of *metaliteracy*, with special focus on metacognition, or critical self-reflection, as crucial to becoming more self-directed in that rapidly changing ecosystem. (ACRL, 2016, p. 2-3)

A capacidade de pensamento crítico sobre o próprio comportamento perante a informação e a comunicação resulta no crescimento da consciência sobre si e sua relação com os objetos de informação e outras pessoas, levando não só a aperfeiçoar os processos com informação, mas refletir sobre ele e, assim, aprimorar as competências infocomunicacionais.

A abordagem da *metaliteracy* sugere pensar além do desenvolvimento de competências discretas e incluir a reflexão crítica sobre as próprias atividades de produção, distribuição e comunicação da informação em ambientes digitais. Nesses ambientes somos levados a tratar com grupos maiores e desconhecidos, o que exige considerar meios, canais, linguagem e questões éticas inerentes ao relacionamento com tais grupos (JACOBSON; MACKEY, 2013). Por isso o aspecto metacognitivo é basilar para a abordagem, porque destaca a necessidade de perceber características de ambientes em mutação e a eles adaptar-se, mas principalmente conhecer-se e saber qual a melhor estratégia para aprender, desenvolver conhecimento ou resolver questões.

Esse ambiente participativo que considera a informação dinâmica, cada vez mais em fluxo, sendo gerada e compartilhada continuamente é foco de observação da *metaliteracy*:

The ability to critically self-access different competencies and to recognize one's need for integrated literacies in today's information environment is a metaliteracy. This metacognitive approach challenges a reliance on skills-based information literacy instruction and shifts the focus to knowledge acquisition in collaboration with others. The metaliterate individual has the capability to adapt to changing technologies and learning environments, while combining and understand relationships among related literacies. This requires a high level of critical thinking and analysis about how we develop our self-conception of information literacy as metacognitive learners in open and social media environments. (MACKEY; JACOBSON, 2014, p. 2)

Vale elucidar que não se trata de dominar um conjunto excepcional de competências, mas de compreender o aporte que se é capaz de trazer para uma construção, o que lhe falta e como mobilizar outras pessoas para conjugar seus conhecimentos e criar algo novo ou resolver um problema. “Cuando se necesita conocimiento, pero no se

dispone de él, la habilidad para conectarse a fuentes que satisfagan esas demandas se convierte en decisiva.” (SIEMENS, 2010).

Por isso, ações de promoção de *metaliteracy* devem incentivar as pessoas a colaborar umas com as outras, engajar-se em práticas comunicativas e auto avaliar suas competências. Como salientam Thomas e Hodges (2015), os professores costumam dar muita atenção ao ensino de estratégias de busca de informação, interpretação das ideias de autores e avaliação da informação, mas uma peça importante do processo informacional envolve ajudar as pessoas a encontrar sua própria voz, desenvolver competências de produção e criação originais.

A originalidade, no entanto, não significa criar algo a partir do nada. Inclusive uma característica da cultura participativa reside exatamente no remix, reuso e reciclagem de conteúdos para produções autênticas, singulares e inovadoras (JENKINS, 2009). González (2012, p. 27) também destaca a capacidade de reutilizar conteúdo gerado por terceiros para novas produções, conferindo-lhes um novo sentido e valor: “Reinterpretar la información: reconstruir, renovar, reciclar, recuperar; reconstruir discursos propios a partir del conocimiento distribuido; avanzar en nuevas interpretaciones y puntos de vista.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado e o alcance do que se entende por alfabetização (*literacy*) evolui com o desenvolvimento técnico-social de cada sociedade, mas não há que se perder de vista que o objetivo sempre foi permitir uma formação que permita a cada pessoa participar plenamente da vida pública da comunidade a que que pertence. Assim, se a apropriação da informação e a efetividade da comunicação passam pelas competências tratadas neste trabalho, pode-se dizer que se tornaram a alfabetização necessária para a participação em sociedades democráticas.

Deste modo, ao mesmo tempo que as competências inerentes a MIL se mantêm fundamentais, novas competências ligadas a um contexto mais participativo na produção e compartilhamento de informação têm emergido: neste trabalho focamos as

competências em comunicação porque, embora mencionadas em diversos documentos, têm recebido menos atenção se comparadas às competências em informação.

Nossas pesquisas, no entanto, têm demonstrado que formam um dueto inter-relacionado, razão porque a elas nos referimos como competências infocomunicacionais, compostas por sete elementos fundamentais: gestão de conteúdos, avaliação da informação, edição colaborativa, estabelecimento e manutenção da comunicação, distribuição e disseminação eficaz de conteúdos, participação em ambientes de discussão e colaboração e desenvolvimento de redes sociais.

Por fim, com a perspectiva de avançar na compreensão das competências requisitadas para participar de uma sociedade alicerçada no conhecimento e na inovação, propôs-se considerar as ideias lançadas pela *metaliteracy*, porque nos desafia a repensar a Media and Information Literacy sob a perspectiva da aprendizagem e do conhecimento ambientados em redes sociais e comunidades on-line; espaços esses nos quais cada vez mais as pessoas estudam, trabalham e compartilham a vida, mas fortemente demandantes de competências infocomunicacionais.

The contribution of research in infocommunicational competencies to the concept of Media and Information Literacy

Abstract: A knowledge-based society is the plaintiff of infocommunicational competencies such as critical towards content and sources and the ability to relate to individuals who may be physically and culturally distant. With a view to contributing to the definition of the concept of Media and Information Literacy (MIL) in contemporary times were extended the observation lenses to include these competencies, especially in the aspect of communication as well as two approaches that can bring an effective contribution: the new media literacy and the metaliteracy. The objectives of this article can be summarized into three: 1) to highlight the insertion of competence in communication within the scope of Media and Information Literacy (MIL); 2) present the constituent elements of infocommunicational competencies; 3) demonstrate the relevance of metaliteracy to advance in the understanding of the competencies required to participate socially. Under the methodological point of view, this is a theoretical discussion that seeks to advance in the definition and elements of the concept of MIL. It is concluded that while the skills inherent in MIL remain fundamental, new competences

linked to a more participatory environment in the production and sharing of information have emerged.

Keywords: Infocommunicative competencies. Media and Information Literacy. Information Literacy. Communication Literacy. Metaliteracy.

REFERÊNCIAS

ACRL. **Framework for information literacy for higher education**. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework> Acesso em 05 nov. 2016

ALPER, M. Developmentally appropriate new media literacies: supporting cultural competencies and social skills in early childhood education. **Journal of Early Childhood Literacy**, v. 13, n. 2, p. 175-196, 2013.

BARRETO, A.D.A. Mediações digitais. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 1-16, 2009.

BORGES, J. **Participação política, internet e competências infocomunicacionais: evidências a partir de organizações da sociedade civil de Salvador**. Salvador: Edufba, 2013.

BORGES, J.; BRANDÃO, G. Competências em comunicação no ciberespaço: um novo desafio às organizações da sociedade civil. In: OLIVEIRA, L.; BALDI, V. (Orgs.) **A insustentável leveza da web: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede**. Salvador: Edufba, 2014.

BORGES, J.; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, M.Á. Competências infocomunicacionais para acesso e uso da informação. In: Congreso ISKO España y Portugal / XII Congreso ISKO España, 12. 2015, Murcia. Organización del conocimiento: sistemas de información abiertos: **Actas**. Murcia: Universidad de Murcia, 2015.

BORGES, J.; OLIVEIRA, L. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. **Observatorio (OBS*)**, v. 5, n. 4, 2011.

BRANDÃO, G.; BORGES, J. Emprego das competências em informação pelos estudantes de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia. **Ágora**, v. 24, n. 49, p. 277-310, 2014.

CALZADA PRADO, J.; MARZAL, M.Á. Incorporating data literacy into information literacy programs: Core competencies and contents. **Libri**, v. 63, n. 2, p. 123-134, 2013.

CERIGATTO, M.P.; CASARIN, H. Novos leitores, novas habilidades de leitura e significação: desafios para a media e information literacy. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 52, 2015.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. **Commission recommendation on media literacy in the digital environment for a more competitive audiovisual and content industry and an inclusive knowledge society**. Brussels: European Commission, 2009.

DAVALLON, J. A mediação: comunicação em processo. **Prisma.com**, n. 4, 2007.

FERRÉS PRATS, J.; PISCITELLI, A. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación**, n. 38, p. 75-82, 2012.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, N. Alfabetización para una cultura social, digital, mediática y en red. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 35, n. Monográfico, p. 17-45, 2012.

IFLA. **¿Surcando las olas o atrapados en la marea?** Navegando en torno a la evolución de la información. [S.n.t], [2013]. Disponível em: http://www.abinia.org/surcando_las_olas_o_atrapados_en_la_marea.pdf. Acesso em 05 nov. 2016

JACOBSON, T.E.; MACKEY, T.P. Proposing a metaliteracy model to redefine information literacy. **Communications in Information Literacy**, v. 7, n. 2, p. 84-91, 2013.

JENKINS, H. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century**. Cambridge (Massachusetts): Mit Press, 2009.

MACKEY, T.P.; JACOBSON, T.E. Reframing Information Literacy as a Metaliteracy. **College & Research Libraries**, v. 72, n. 1, p. 62-78, 2011.

MOELLER, S. et al. **Towards media and information literacy indicators**. Paris: Unesco, 2011.

OHLER, J. New-media literacies. **Academe**, v. 95, n. 3, p. 30-33, 2009.



PÉREZ PÉREZ, R. Alfabetización en la comunicación mediática: la narrativa digital. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación**, n. 25, p. 167-175, 2005.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: Saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.L.G.; FUGINO, A.; NORONHA, D.P. (Orgs.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007.

RUVALCABA-BURGOA, E.; MARZAL GARCÍA-QUISMONDO, M.Á.; BORGES, J. Information literacy and metaliteracy as key factors in academic excellence in higher education. In: WESTERN BALCAN INFORMATION LITERACY CONFERENCE, 2016, Bihac. **Proceedings**, 2016. p. 35-42.

SARACEVIC, T. Are advances in information technology and advances in information literacy in libraries in sync? Or out of sync? In: WESTERN BALCAN INFORMATION LITERACY CONFERENCE, 2016, Bihac. **Proceedings**, 2016. p. 17-20.

SIEMENS, G. **Conociendo el conocimiento**. Nodos Ele, 2010.

THOMAS, A.B.; HODGES, A.R. **Build Sustainable Collaboration: Developing and Assessing Metaliteracy Across Information Ecosystems**. p. 78-94 2015. Disponível em http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/conferences/confsandpreconfs/2015/Thomas_Hodges.pdf. Acesso em 05 nov. 2016

TYNER, K. Audiencias, intertextualidad y nueva alfabetización en medios. **Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación**, v. 15, n. 30, p. 79-85, 2008.

VITORINO, E.V. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 421-440, 2016.

WILSON, C. Alfabetización mediática e informacional: proyecciones didácticas. **Comunicar: Revista Científica de Comunicación y Educación**, v. 20, n. 39, p. 15-24, 2012.

WITEK, D.; GRETTANO, T. Teaching metaliteracy: a new paradigm in action. **Reference Services Review**, v. 42, n. 2, p. 188-208, 2014.

YIN, G.; ZHOY, A. New media literacy education for children in the context of participatory culture: deficiency and construction. **Cross-Cultural Communication**, v. 11, n. 2, p. 26-30, 2015.



Agradecimentos:

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

Informações da autora

Jussara Borges

Professora e pesquisadora

Instituto de Ciência da Informação, UFBA.

E-mail: jussarab@ufba.br

